

Cenário para 2008 é de um otimismo cauteloso

Economia - Brasil

A pesar de todas as preocupações com o cenário externo, o investidor internacional mantém visão favorável sobre a economia brasileira. E o faz porque todos os indicadores sugerem desempenho suficientemente seguro da economia nacional, mesmo com todas as incertezas da conjuntura internacional. Essa foi a principal conclusão do fórum "Cenários de Investimentos para o Brasil 2008", realizado quinta-feira pelo Instituto Brasileiro de Relações com Investidores (Ibri) em parceria com este jornal.

É fato que o recrudescimento dos temores em relação ao volume do prejuízo com a bolha imobiliária norte-americana, produto das hipotecas de alto risco, pesa — e muito — sobre o clima da economia mundial. Relatório da Goldman Sachs, divulgado na semana passada, estimou em US\$ 400 bilhões a perda nos próximos meses com os créditos podres dessas hipotecas. O pior desse relatório, no entanto, não era a definição de perdas reais, mas os reflexos que provocariam na economia dos EUA. Para a Goldman Sachs, é possível que a crise do subprime reduza em até US\$ 2 trilhões a oferta de crédito na maior economia do planeta.

A perda quantificada de US\$ 400 bilhões representa cerca de 3% do valor de mercado das companhias abertas americanas e pode ser assimilada ao longo do tempo. Bem diferente é a pressão que essas perdas podem gerar sobre a oferta de crédito pela crise de confiança. Esse é o medo real da Goldman Sachs. Foi por esse motivo que o alerta da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), de que a crise hipotecária pode representar um custo entre US\$ 200 bilhões e US\$ 300 bilhões (construída a partir da hipótese de perda de 14% das hipotecas de alto risco), não provocou forte reação do mercado. Não é essa perda que o mercado teme, mas o reflexo dela.

Esse receio é tão forte que a ata da reunião de 30 e 31 de outubro do Federal Reserve (Fed), o banco central dos EUA, afirmou que o risco da desaceleração econômica era maior que o da inflação. A partir dessa perspectiva, o Fed reduziu a projeção de crescimento para 2008, de 2,5% a 2,75%, para 1,8% a 2,5%. Se o Fed reconhece que a depressão no setor imobiliário pressiona a economia para baixo, o significado mais importante desse reconhecimento é que os juros vão cair, principalmente para manter o mais afastado possível o risco de uma recessão na economia norte-americana.

Porém, nessa análise falta um componente, o poder impulsionador das novas economias emergentes, em especial a chinesa e a indiana. Aliás, no fórum do Ibri, o vice-presidente do Bradesco, José Luiz Ascar Pedro, depois de lembrar das dúvidas quanto ao tamanho dos prejuízos dos bancos norte-americanos na crise do subprime, afirmou que diversos fatores concorrem para "limitar o contágio da crise". Os bons fundamentos da economia brasileira representam um desses fatores, mas, para Ascar Pedro, os efeitos da turbulência devem ser contidos "diante da conjuntura internacional positiva, sob liderança do forte crescimento das economias chinesa e indiana". Por isso, ele ponderou que a crise nos EUA trará impactos negativos no mundo todo, mas que hoje o Brasil depende menos da economia norte-americana. E concluiu que o cenário para 2008, na sua visão, é de "otimismo cauteloso".

As primeiras projeções das exportações brasileiras confirmam o acerto dessa perspectiva de otimismo cauteloso. Na semana passada, a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) estimou que o Brasil deve exportar US\$ 172 bilhões no próximo ano, cerca de 10% acima do que será exportado em 2007, um valor estimado em US\$ 158 bilhões, já incluída uma retração da economia norte-americana. Nas contas da Secex, essa retração não terá efeitos dramáticos sobre as vendas externas brasileiras porque a parcela na pauta destinada aos EUA representa, hoje, menos de 20%. Há outras projeções mais pessimistas para a expansão das exportações brasileiras, como as da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), que estima expansão de apenas 6% nas vendas externas de 2008.

O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, acompanhou o argumento de cauteloso otimismo ao lembrar que os avanços macroeconômicos deixaram o Brasil mais bem preparado para enfrentar uma eventual contração de consumo nos EUA, mas o País "não ficará imune se tal cenário se concretizar". Nesse quadro, a expectativa de o Brasil conquistar o investment grade, reclassificando o risco do País, terá um especial impacto favorável. É verdade que não há uma inevitabilidade nessa reclassificação, mas é fato também que os bons fundamentos da economia brasileira asseguram essa trajetória. Essas projeções, aliadas às evidências de que a base da pauta de exportação brasileira está mais direcionada às economias emergentes e não só aos EUA, asseguram este cauteloso otimismo. Apesar de todos os riscos e temores já anunciados.